

Desenvolvimento territorial no MATOPIBA: análise a partir dos fluxos de comércio entre os anos 2000 a 2018

Territorial development in MATOPIBA: analysis based on trade flows between the years 2000 to 2018

Mabel Diz Marques¹

Raphael de Oliveira Silva²

Jerônimo Dias³

Resumo: O presente trabalho buscou analisar o perfil das exportações da região do MATOPIBA (conjunto de municípios que pertencem aos Estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia) no período de 2000 a 2018, a partir dos dados de fluxos de comércio disponibilizados pelo Ministério da Economia do Brasil, verificando o grau de concentração dos produtos exportados (ICP) e países de destino (ICD) determinado pelo coeficiente de Gini-Hirschman. Os resultados sugerem um aumento na produção de grãos focado nas culturas de sementes e frutos oleaginosos; grãos, sementes e frutos diversos; plantas industriais ou medicinais; palhas e forragens, que no ano de 2018 já representada mais de 50% da pauta exportadora. Tais produtos são assentados, sobretudo, nos processos relacionados à dinâmica de expansão da escala agrícola com elevada tendência a vulnerabilidade externa. Em paralelo, a China representa mais de 50% do destino das exportações, resultado que já ultrapassa os EUA desde 2010.

¹Doutoranda e graduada em Economia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestra em Economia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Especialista em controladoria e Finanças pela Faculdade 2 de Julho. Possui experiência em Economia, com ênfase em Desenvolvimento Econômico, Economia da inovação e Desenvolvimento Regional. Autor(a) correspondente, Email: mabeldizmarques@gmail.com.

²Doutorando em Economia pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Economia Aplicada pela Universidade Federal de São Carlos (2017) e graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal Fluminense (2014). Atual pesquisador associado da Diretoria de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais (Dirur) do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e membro do Núcleo de Economia Política da UFF (NEP-UFF). Tem experiência na área de Economia, com ênfase em Economia Política, Desenvolvimento Econômico e Desenvolvimento Regional. Email: raphael.o.s@outlook.com.

³Doutorando em Economia pela Universidade Federal da Bahia. Email: jeromadias@gmail.com.

Palavras-chave: MATOPIBA. Território. Concentração de exportações. Produção agrícola.

Abstract: This paper analyzed the degree of concentration of exports from the MATOPIBA region (Maranhão, Tocantins, Piauí and Bahia) from 2000 to 2018. The data used come from the Brazilian Ministry of Economy. The degree of concentration of exported products (ICP) and destination countries (DCI) was determined by the Gini-Hirschman coefficient. The results suggest an increase in grain yield focused on oilseed and seed crops; miscellaneous grains, seeds and fruits; industrial or medicinal plants; straw and fodder, which in 2018 already represented more than 50% of the exporting tariff. Such products are mainly based on processes related to the dynamics of agricultural scale expansion with high tendency to external vulnerability. At the same time, China represents more than 50% of the export destination, a result that has surpassed the US since 2010.

Keywords: Territory. Concentration of exports. Product Concentration Agricultural production.

JEL codes: R11; F02; F59; Q17.

I Introdução

A região do MATOPIBA no Brasil, abrange 337 municípios dos quais inclui todo o estado do Tocantins, mais o oeste baiano e o sul do Maranhão e do Piauí em uma área de 73.173.485 hectares que cobre 51% da área total dos 4 estados. A região é caracterizada por um processo nas últimas décadas de estrangeirização da terra e expansão do agronegócio, em particular para produção de *commodities*, tais como: algodão, cana-de-açúcar, milho e soja (BOLFE et al., 2016; PEREIRA; PORCIONATO; CASTRO, 2018; PEREIRA; PAULI, 2016).

Esse processo é inserido numa ordem global que busca desterritorializar, no sentido de separar o centro da ação e a sede da ação no território (SANTOS, 2006). Ou seja, essa dinâmica acarreta na mundialização do espaço geográfico, que transforma territórios nacionais em espaços nacionais da economia mundial acelerando, portanto, a regulação das atividades localizadas, com o fortalecimento da divisão territorial, social e internacional do trabalho dado pela necessidade do aumento da produtividade mundial da produção agrícola, sobretudo, expressa pela especialização e fragmentação produtiva.

Acontece, que essa ordem global que busca expandir a fronteira agrícola da estrangeirização da terra, traz consigo uma tensão crescente entre a localidade e globalidade à proporção que avança o processo de

globalização (SANTOS, 1994). Além disso, observa-se que esta estrangeirização da terra busca impor, nestas regiões, uma racionalidade relacionada a valorização do capital, e não em certa medida, a promoção de condições mais favoráveis da população ali inseridas, refletindo por consequência, uma expropriação de comunidades rurais, redução do sentimento de pertencimento àquela região, bem como aumento da degradação ambiental.

Neste contexto, o objetivo deste artigo é analisar a inserção do MATOPIBA na fronteira agrícola do mundo globalizado contemporâneo. Para tanto, a partir da estatística descritiva é caracterizada a dinâmica da produção e das exportações do MATOPIBA frente ao Brasil, a evolução da representatividade da produção agropecuária, bem como a concentração de produtos exportados e os principais países de escoamento da produção, especialmente, entre os anos de 2000 a 2018 (RIBEIRO, 2000; BRENNER; PECK; THEODORE, 2010).

O presente artigo parte da hipótese de que ao longo do período analisado há uma ampliação da especialização das exportações no MATOPIBA, tanto no que se refere aos produtos agrícolas, quanto aos parceiros comerciais, por conseguinte, o território fica sujeito a flutuações na demanda e nos preços de seus produtos, refletindo na expansão da deterioração dos termos de troca.

Assim, para além desta introdução e considerações finais, este artigo contém mais quatro seções. Na segunda seção, é apresentada uma breve conceituação do desenvolvimento territorial e sua inter-relação com a ordem global “desterritorializada” e sem fronteiras. Em seguida, é realizada uma caracterização do MATOPIBA e sua lógica de produção para o mercado externo ancorado, sobretudo, pela especialização e inserção na fragmentação agrícola da estrutura produtiva internacional. Na quarta seção expõe com mais detalhes a metodologia utilizada. E, por fim, são expostos os principais resultados da pesquisa.

II Desenvolvimento territorial e a ordem global “desterritorializada”

O desenvolvimento territorial pode ser compreendido como um processo de mudança social capaz de produzir solidariedade, cidadania comunitária e conduzir, de forma integrada e permanente, a mudança qualitativa e a melhoria do bem-estar da população de uma localidade ou de uma região (VERDI, 2008). A gênese do enfoque no território emerge na Europa e se concretiza nas definições estratégicas da União Europeia, tanto com a consagração da coesão territorial

entre os objetivos estratégicos a serem promovidos na região, como com a criação de instrumentos específicos como o Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (BARCA; MCCANN; RODRÍGUEZ-POSE, 2012; PIKE; RODRÍGUEZ-POSE; TOMANEY, 2016).

Segundo Favareto e Lotta (2017), as políticas de desenvolvimento territorial emergem da tentativa de superar limites verificados, sobretudo, em três domínios: (i) no âmbito das políticas de desenvolvimento rural, no qual se verificava, a necessidade de uma abordagem envolvendo o conjunto das dimensões da vida social e econômica local, em oposição à etapa anterior, marcada por uma limitação do rural ao que se passava na atividade agrícola, agora crescentemente menos importante sob o ângulo da geração da renda das famílias e da ocupação da força de trabalho; (ii) no âmbito das políticas de desenvolvimento regional antes voltadas, sobretudo, para a criação de infraestruturas de integração regional, nos marcos do capitalismo industrial em expansão, e agora cada vez mais direcionadas à promoção das especificidades dos territórios, de forma coerente com o atual momento da economia internacional e seu alto grau de inovação, seletividade e diferenciação; (iii) no âmbito do planejamento governamental, tradicionalmente estruturado em formas verticalizadas e centralizadas de intervenção (os modelos de tipo top down), neste momento confrontados com a necessidade de incorporar as demandas e as vozes das forças sociais dos territórios (numa perspectiva de tipo bottom up).

Cabe, antes de tudo, explicitar as principais diferenças entre os conceitos de espaço, região e território. Pois, a noção científica destas categorias situa-se no contexto interdisciplinar envolvendo várias ciências com múltiplos usos e sentidos comuns, que embora usado como sinônimos não são equivalentes (ALENTEJANO, 2001).

Segundo Wanderley (2006), o espaço pode ser definido a partir de um conjunto de dados econômicos localizados, podendo as localidades serem dispersas, porque o que dá unidade ao espaço são as suas características e a natureza das relações de interdependência. Já a região é definida de forma mais restrita, pois é caracterizada por uma conjunção de pontos imutáveis e contíguos de uma dada realidade. Por sua vez, o território pode ser definido como um espaço onde se projeta um trabalho-energia, e por consequência, revela relações marcadas pelo poder, e mais ainda, o território tem características como um fator dinâmico por si só, e não como um resultado estático da decisão do processo de produção. Ou seja, o território pode ser definido como uma construção sociopolítica do espaço (RAFFESTIN, 1993).

Assim, o território é em si a apropriação do espaço em que ele só

se concretiza por uma materialização do trabalho (RAFFESTIN, 1993), utilizado por uma dada população, e não apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. Nesses termos, o território é o chão somado a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencimento.

A partir daí, os modelos de desenvolvimento territorial podem ser identificados como construções sociopolíticas sobre um determinado espaço geográfico, que requerem estratégias prévias de apropriação espacial (JEZIORNY, 2016). Segundo o autor *Ibid.* os projetos de desenvolvimento territorial são impactados pelas especificidades geográficas e sociais do território, sendo essas especificidades que condicionam o conteúdo das estratégias adotadas, dando origem a diferentes caminhos dentro de uma multiplicidade de trajetórias possíveis. Ademais, são esses os recursos específicos, intransferíveis e incomparáveis oferecidos pelo território no mercado que diversificam os espaços e estabilizam as localizações das atividades econômicas.

Porém, sob a égide do mundo globalizado e da extrema competitividade como a que vivemos, a posição globalista argumenta que estamos nos movendo para um mundo “desterritorializado” e sem fronteiras. É importante enfatizar, que a atual globalização mencionada contempla dentre outras características a contração do espaço e do tempo, crescente homogeneidade, imaginário da velocidade, mercado global e aldeia global e desterritorialização da vida social que se desdobram simultaneamente em múltiplas escalas geográficas sobrepostas (RIBEIRO, 2000; BRENNER; PECK; THEODORE, 2010). Por outro lado, neste mesmo cenário alimenta-se lutas já travadas e a existência de conflitos étnicos-territoriais que nos remete a compreensão que muitos grupos continuam reivindicando partes específicas do território. Portanto, há uma repercussão e embates entre os diversos atores e o território como um todo, revelando profundos movimentos de conflito na sociedade.

Ainda conforme aponta Santos (2006), as tentativas de construção de um mundo único sempre conduziram a conflitos, porque se tem buscado unificar e não unir. Um fato é um sistema de relações, em benefício do maior número baseado nas possibilidades reais de um momento histórico; outro fato, é um sistema de relações hierárquica construída para perpetuar um subsistema de dominação sobre outros subsistemas em benefício de alguns. Pois, nota-se na contemporaneidade a existência das empresas transnacionais diante da fragmentação produtiva que coordenam a rede denominadas “flagship compa-

nies”⁴, geralmente provenientes das economias mais avançadas, e que possuem o comando de toda produção, e se apropriam de parte privilegiada do valor gerado. Além disso, essas empresas determinam as competências chaves da cadeia produtiva, bem como os fluxos das informações, geração do conhecimento, decisões, gestão e planejamento da produção (MARQUES, 2017; MARQUES; ROSELINO; MASCARINI, 2019).

A fragmentação produtiva ora mencionada, impõe-se na sociedade com toda força nas condições acima descritas, pois não é possível obter uma regulação única, pois a fragmentação apenas consagra alguns atores, enquanto produzem uma ordem em causa própria, criam, paralelamente, desordem para tudo o mais (SANTOS, 1994). Como essa ordem “desordeira” é global conforme aponta o autor *Ibid.*, ela é inerente ao próprio processo produtivo da globalização atual, nas quais não há limites; mas, não tem limites porque também não tem finalidade e, desse modo, nenhuma regulação é possível, porque não desejada. Esse novo poder das grandes empresas, cegamente exercido é, por natureza, desagregador, excludente, fragmentador e sequestrador da autonomia do resto dos atores.

Assim, a globalização leva a um novo e mais complexo entendimento do multidimensional e dinâmica dos componentes da territorialidade, por meio de mecanismos que limitam, ordenam e controlam a sociedade, uma vez com a globalização a proeminência dos sistemas técnicos e da informação, subverte o antigo jogo da evolução territorial e impõe novas lógicas globais de expansão da produção (SANTOS, 1994; NEWMAN, 2019). A região do MATOPIBA não escapa dos mecanismos da globalização que constroem os interesses locais e transforma a dinâmica territorial. A perceptível expansão agrícola na região ocorre, cada vez mais, atrelada à uma organização e expansão da produção dentro de lógicas globais.

III A inserção do MATOPIBA na lógica recente da expansão da produção agrícola

A expansão da fronteira agrícola brasileira não é recente. Desde a década de 1950 o processo de industrialização do setor agrícola foi ampliado, decorrente dos desdobramentos da industrialização nacional, nas quais culminaram na fabricação de equipamentos e máquinas

⁴Firmas que estão no mais alto grau da cadeia produtivas globais de valor, responsáveis pelas principais decisões estratégicas e detentoras de ativos de propriedade em áreas críticas (MARQUES, 2017).

e adoção de insumos modernos; conduzindo, posteriormente, à construção de indústrias processadoras de produtos agropecuários.

Essas transformações expandiram nas décadas seguintes, por meio da adoção de políticas de modernização do campo, expressas, sobretudo, com a criação de Serviços Nacional de Crédito Rural (SNCR em 1965) e o Plano Nacional de Desenvolvimento (PND) implementados entre os anos de 1968 a 1973, resultados que favoreceram o milagre econômico brasileiro e expansão da fronteira agrícola.

Mais recentemente, a modernização do setor agropecuário no Brasil tem proporcionado o aumento da produtividade, e por consequência da produção estabelecida (BOLFE et al., 2016). Segundo os autores Ibid., o Brasil nos últimos anos tem posicionado na liderança da produção de *commodities* agrícola tropical, reflexo, sobretudo, das condições edafoclimáticas, bem como as políticas públicas recentes direcionadas para este setor produtivo.

Diante deste processo, as áreas tidas como marginais do MATOPIBA foram transformadas para atividades agrícolas e pecuárias por causa da nova realidade econômica na região e isso possibilitou a dinâmica e modernização da economia local (BATISTELLA; VALLADARES, 2009). Porém, na década de 1990, as mudanças de uso da terra foram intensificadas devido a produção de grãos, cuja consequência foi o desmatamento de extensas áreas de florestas nativas nestas regiões (BARROS; STEGE, 2019).

Já em 2016, a região do MATOPIBA já possuía cerca de 324.326 estabelecimentos agrícolas ocupando uma área de 33.929.100 hectares, 46 unidades de conservação, 35 terras indígenas e 781 assentamentos de reforma agrária e áreas quilombolas num total de 13.967.920 hectares de terra legalmente atribuídas, excluindo as sobreposições conforme expostos em Bolfe et al. (2016) e Miranda, Magalhães e Carvalho (2014).

Vale destacar que a delimitação do MATOPIBA foi resultante do acordo de cooperação técnica entre o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), por meio do Grupo de Inteligência Territorial Estratégica (GITE) em face a necessidade de planejamento e modelagem integrada de políticas públicas e privadas voltadas para o desenvolvimento da região, dada a dinâmica agrícola observadas nos últimos anos Miranda, Magalhães e Carvalho (2014).

Ao analisar os aspectos populacionais, a estimativa divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontava que em

2016 haviam cerca de 6,29 milhões de habitantes (população urbana e rural) no MATOPIBA, dos quais 58,74% da população estava distribuída no Maranhão, 24,22% no Tocantins, 12,85% na Bahia e apenas 4,19% no Piauí (Tabela 1).

Quanto aos aspectos econômicos, o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) do MATOPIBA em termos reais tem se mostrado vigoroso. Entre os anos 2000 e 2016 houve crescimento de 133,5% no PIB da região, uma média de 5,44% a.a. Ainda segundo os dados coletados das Contas Regionais do IBGE, os estados do Maranhão e Tocantins concentraram os maiores valores do PIB no MATOPIBA no ano de 2016. Já as microrregiões com maior expressividade são Palmas (Tocantins; 8,7%), Imperatriz (Maranhão; 7,5%), Luís Eduardo Magalhães (Bahia; 4,3%), Araguaína (Tocantins; 4,1%) e Barreiras (Bahia; 3,6%) responsáveis por 28,2% do PIB do MATOPIBA, em 2016 conforme divulgado pela instituição IBGE (2019).

Ademais, vale ressaltar que a redução da população em condição de pobreza, extrema pobreza e vulnerável à pobreza, bem como a diminuição do percentual da renda apropriada pelos mais ricos, expressa na melhora do índice de Gini-Renda entre o período de 2000 a 2010 no MATOPIBA conforme exposto nos trabalhos de Pereira, Porcionato e Castro (2018) e Bolfe et al. (2016).

Outra tendência importante, e talvez a de maior interesse entre as diversas pesquisas, consiste na expansão da fronteira agrícola puxada, sobretudo, pela produção de *commodities* tais como a soja e o milho que exibem as culturas com maiores volumes de produção no período recente (PEREIRA; PORCIONATO; CASTRO, 2018).

Ao analisar a dinâmica da expansão da área cultivada da soja no MATOPIBA, Rudorff e Risso (2018) mostram que entre as safras de 2000/01 e 2016/17 a área cultivada de soja no MATOPIBA aumentou em mais de 4 vezes (2,97 milhões de hectares (Mha)) passando de 0,97 Mha para 3,94 Mha. Isso, reafirma a posição do MATOPIBA como uma região caracterizada no processo de expansão da produção de grãos, especialmente, da soja no bioma do Cerrado.

Nesse estágio, entretanto, pode ser útil mencionar que essa expansão da área de cultivo da soja ocorreu em grande medida a partir da expansão do desmatamento (RUDORFF; RISSO, 2018). Segundo os autores *Ibid.*, o desmatamento associado ao cultivo da soja entre 2000/01-2006/07 foi de 0,11 Mha/ano, resultado que expandiu para 0,16 Mha/ano no período de 2006/07-2013/14, reduzindo no período mais recente 2013/14-2016/17 para 0,05 Mha/ano devido, sobretudo, à frustração de quatro safras seguidas (2011/12 a 2014/15) decorrência das

Tabela 1: Aspectos demográfico e socioeconômico do MATOPIBA (2000 e 2016).

Estado	Área (hectares)	População (estimada)	Participação relativa da população (em %)	Produto Interno Bruto (R\$) * 2000	2016	Taxa de Cresc. (%) ** 2000-2016
Maranhão	23.982.347	3.695.257	58,74	5.102.332.625	11.681.680.140	5,31
Tocantins	27.772.052	1.523.478	24,22	3.654.634.341	9.116.224.292	5,88
Piauí	8.204.588	263.541	4,19	363.216.292	992.705.397	6,49
Bahia	13.214.498	808.491	12,85	2.181.321.053	4.602.939.970	4,78
Total	73.173.485	6.290.767	-	11.301.504.311	26.393.549.799	5,44

Fonte: autores, elaboração própria com dados brutos do Ministério da Economia e do (IBGE, 2019). **Nota:** *Valores monetários deflacionados pelo ICP-DI da FGV a preços de 2000. **Taxa de crescimento geométrica.

estiagens observadas em diversas regiões do MATOPIBA e que reduziram os investimentos dos produtores e abertura de novas áreas.

Para além da soja, vale destacar a expansão da produção e cultura do milho no MATOPIBA. Segundo [Pereira, Porcionato e Castro \(2018\)](#) em 2010 foram produzidas 1,3 milhão de toneladas de milho em uma área total de 486 mil há, já em 2014 essa produção expandiu para um pouco mais de 5 milhões de toneladas em uma área de 1.073mil há, representando um crescimento de 301% na quantidade produzida dessa cultura. A expansão de área foi de 121%, portanto, grande parte do aumento da produção tem como explicação ganhos de produtividade.

[Rudorff e Risso \(2018\)](#) apontam ainda, que embora o aumento da produção de milho esteja associado a expansão da área colhida, este último ocorreu nos últimos anos devido o maior uso das terras para essa cultura uma vez que passaram a ser cultivadas duas vezes por ano, acelerando o processo de intensificação agrícola favorecida pela disponibilidade de terras aptas à mecanização no MATOPIBA. Ademais, como se sabe o MATOPIBA é caracterizado como uma região com o uso de capital-intensivo, pois há um expressivo uso de colheitadeiras, máquinas, equipamentos e insumos tecnológicos com baixo teor do fator trabalho, resultado que reflete na baixa absorção da renda pelos trabalhadores e famílias ali estabelecidos ([CESAR, 2018](#); [PEREIRA; PORCIONATO; CASTRO, 2018](#)).

Portanto, o MATOPIBA configura-se por uma agricultura científica com caráter global, em que se exige a expansão constantes das quantidades produzidas em relação às superfícies plantadas, e por consequência de bens científicos (sementes, inseticidas, fertilizantes e corretivos) e, também, de assistência técnica propondo a instalação de sistemas, que atravessam o território e a sociedade, levando, com a racionalização das práticas, a uma certa homogeneização conforme já exposto em [Santos \(1994\)](#).

IV Metodologia

IV.1 Grau de concentração por produto e país de destino

Economias com características de elevada diversificação das exportações seja de países e produtos, bem como ampliação da complexidade de produtos exportados, adquirem, em certo nível, uma menor dependência e vulnerabilidade externa, seja ela pelas oscilações de demanda ou de preços no mercado internacional ([SALVINI; MARTINS, 2014](#); [SILVA, 2017](#)).

Quanto a este aspecto, o coeficiente de Gini-Hirschman (doravante, GH) pode ser utilizado para mensurar a concentração (diversificação) das exportações, tanto em relação aos produtos quanto aos países de destino no MATOPIBA. Para tanto, o índice de concentração por produtos (ICP) pode ser calculado conforme a equação (1) abaixo:

$$ICP = \sqrt{\sum_i \left| \frac{x_{ij}}{x_j} \right|^2} \quad (1)$$

em que x_{ij} representa as exportações do bem i pelos 337 municípios integrantes no MATOPIBA j , e x_j representa as exportações totais dos municípios integrantes do MATOPIBA j . O índice varia de 0 a 1, sendo quanto mais próximo de 1 corresponde a uma especialização total das exportações em apenas um produto. De modo contrário, um índice próximo a 0 indica uma pauta exportadora menos concentrada. Por outro lado, a concentração dos parceiros comerciais será representada pelo índice de concentração por países de destino (ICD) conforme equação (2):

$$ICD = \sqrt{\sum_i \left| \frac{x_{mj}}{x_j} \right|^2} \quad (2)$$

em que, neste caso, x_{mj} representa o total das exportações dos municípios integrantes do MATOPIBA j para o país de destino m , e x_j representa o total das exportações dos municípios integrantes do MATOPIBA j .

Da mesma forma, quando maior o valor do ICD, maior será a concentração em relação aos destinos, resultado que pode indicar maior vulnerabilidade em termos de barreiras à entrada de produtos impostas pelos poucos parceiros. Por sua vez, um ICD próximo de zero reflete uma participação mais diversificada dos países de destino da produção.

IV.II Fonte a base de dados

Os dados são disponibilizados pela Secretaria Especial de Produtividade e Comércio Exterior, do Ministério da Economia. São referentes aos valores em dólares FOB (Free on board) das exportações dos 337 municípios integrantes no MATOPIBA, descritos pelo Sistema Harmonizado (SH) de dois dígitos (SH2).

Adicionalmente, incorpora dados municipais do PIB, provenientes das Contas Regionais, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O período analisado, limita-se aos anos 2000 a 2018, período de forte inserção no MATOPIBA na fronteira agrícola mundial.

V Análise e discussão

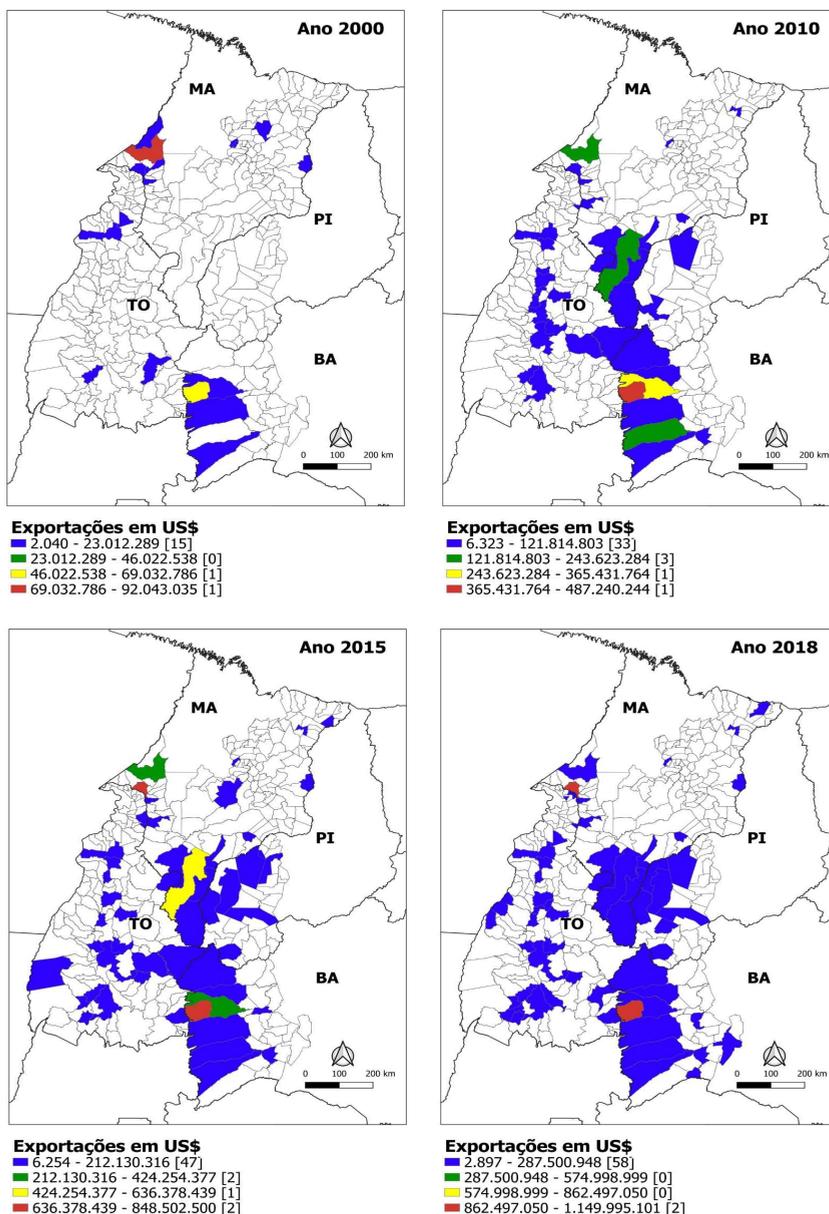
No início do século XXI a região compreendida como MATOPIBA apresentou intensa transformação no relevo nacional refletindo, sobretudo, na dinâmica do setor agrícola que ao expressar uma natureza global, foi conduzida a uma demanda extrema de comércio.

A Figura 1 revela a evolução das exportações na região por município. Nela é possível observar a ampliação de municípios que se inserem na dinâmica exportadora, o seu número salta de 17, em 2000, para 60, em 2018.

A maior parte dos municípios da região se encontra na faixa do primeiro quartil, com o volume de exportações de bens e serviços mais baixas. No entanto, é notória a evolução da expansão do volume exportado por esses municípios, as faixas de valor exportado saltaram a cada ano, mesmo com o fim do ciclo de alta de preços das commodities. Nesse processo, o município de Luís Eduardo Magalhães no Estado da Bahia possui maior proeminência, suas exportações saltaram de US\$ 63.883.300,00, em 2000, para US\$ 1.149.995.101,00, em 2018, expressando uma taxa média de crescimento de 17% ao ano (a.a.). Seguido de Imperatriz (MA), ocupando a mesma faixa em 2018, cujas as exportações saem de US\$ 754.065,00, em 2000, para US\$ 871.348.821, em 2018, a uma taxa de crescimento de 47,9% a.a.

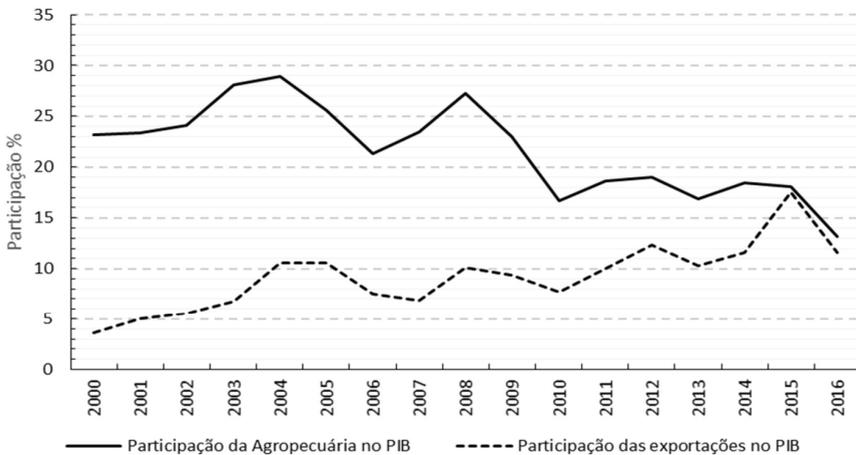
Na Figura 1 apresenta a evolução das exportações de bens e serviços no MATOPIBA comparada ao Brasil entre o período de 2000 a 2018. Nota-se que entre os anos de 2000 a 2015 as exportações de bens e serviços do MATOPIBA cresceram de maneira expressiva, em patamares superiores a dinâmica nacional. O valor das exportações, medido em número-índice (Ano 2000 = 100), atingiu um valor máximo de 2.071,9 no ano de 2015; ao passo que, as exportações brasileiras atingiram no mesmo ano o resultado de 347,1, crescimento quase seis vezes superior ao apresentado pela média brasileira. Já no ano subsequente, em 2016, houve uma redução significativa das exportações de bens e serviços tanto da região do MATOPIBA quanto do Brasil, resultado motivado pela persistente baixa demanda e queda dos preços das commodities, entre 2015 e 2016, provocada especialmente pela transição econômica da China (BANCO MUNDIAL, 2015).

Figura 1: Exportações do MATOPIBA por município em anos selecionados (em US\$).



Fonte: autores, elaboração própria com dados dados brutos do Ministério da Economia e do (IBGE, 2019). Nota: *Nota: Sistema de referência SIRGAS 2000.

Figura 2: Evolução das exportações de bens e serviços – MATOPIBA e Brasil (2000-2018) (Ano 2000 = 100).



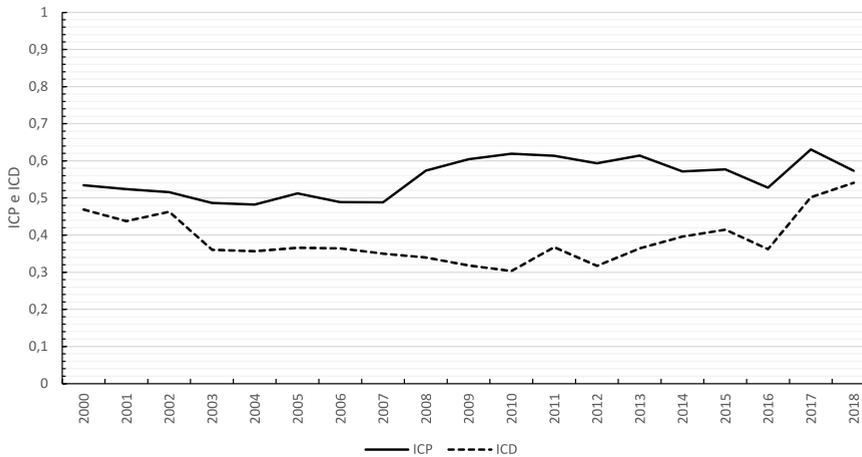
Fonte: autores, elaboração própria com dados dados brutos do Ministério da Economia e do (IBGE, 2019).

Ainda é possível observar que, a participação das exportações no PIB saltou de menos de 4%, em 2000, para mais de 17%, em 2015, quando atingiu seu ápice. Por outro lado, a participação da agropecuária no PIB tem reduzindo paulatinamente, dado que nos anos 2000 a participação foi de 23,5% e, em 2016 esta participação representou apenas 13%, uma redução de 10,5 pontos percentuais. A perda de participação da agropecuária na produção não se traduz, necessariamente, na perda e relevância na dinâmica dentro da região no MATOPIBA, mas pode representar que outros setores produtivos progrediram mais rapidamente a partir da evolução da agropecuária, tais como os serviços pessoais e de utilidade pública que desenvolveram em razão da demanda e dos fluxos de renda, bem como as indústrias que se estabeleceram na região aproveitando os recursos naturais disponíveis.

Ademais, as implicações econômicas e políticas de uma inflexão das exportações de tal magnitude são muito amplas, nas quais afeta aspectos cruciais da condução da política econômica da região, e ao mesmo tempo expressa uma natureza nociva e vulnerável devido a dinâmica econômica direcionado ao mercado externo.

A Figura 3 mostra os índices de concentração de produto (ICP) e destino de países (ICD) nas quais são direcionadas as exportações do MATOPIBA entre os anos de 2000 a 2018. Sua escala de valores va-

Figura 3: Evolução da participação da agropecuária e das exportações de bens e serviços no PIB – MATOPIBA (2000-2016) (Em %).



Fonte: autores, elaboração própria com dados dados brutos do Ministério da Economia e do (IBGE, 2019).

ria entre 0 e 1, sendo resultados próximos a zero menos concentrado, por outro lado, quando mais próximo de 1, maior a concentração dos índices (ICP e ICD).

Grosso modo, os dados sugerem que na maior parte do período analisado, o índice de concentração de produtos (ICP) esteve acima de 0,5, limite máximo para que haja concentração. Além disso, foi a partir dos anos de 2007/2008 que o processo de concentração foi ampliado, resultado que coincide com o período de ampliação da internacionalização e financeirização dos ativos ambientais locais – terra, água e florestas relatada por Favareto e Lotta (2017) e pode ser reflexo da dinâmica do cultivo da produção de grãos e sementes. Logo, a pauta exportadora da região pode ser considerada concentrada, ou seja, restrita a uma pequena variedade de bens o que torna a região extremamente vulnerável a choques externos, levando com a racionalização das práticas, a uma certa homogeneização da produção em escala.

Por outro lado, é possível observar ainda na Figura 3 que o índice de concentração de destino (ICD) exibe uma trajetória de baixa concentração de parceiros comerciais. Entre os anos de 2000 e 2010, o ICD esteve sob níveis inferiores à 0,5, apresentando uma trajetória de queda, chegando a atingir o índice mais baixo 0,30 em 2010. Contudo, a partir de 2010, houve uma reversão dessa trajetória, em que no ano de 2018 o

índice atingiu seu ápice em 0,54, configurando uma pauta exportadora concentrada num número restrito de parceiros comerciais. Neste contexto, esse resultado corrobora com a hipótese levantada, bem como aponta para ampliação da vulnerabilidade econômica ao comércio internacional, que implica em uma estrita obediência à ordem global que perpassam o território e a sociedade.

Em vista do exposto, pode-se afirmar que, a concentração estruturada do ICP e ICD (expressas na Figura 3), ocorre de maneira simultânea com a transformação da pauta exportadora do MATOPIBA. Para tanto, as Tabelas 2 e 3 traduzem respectivamente a conjunção hierarquizada e detalhada dos cinco principais produtos baseados no Sistema Harmonizado (dois dígitos) e dos parceiros comerciais do MATOPIBA entre os anos 2000 a 2018.

Os cinco principais produtos comercializados com o exterior (Tabela 2), equivalem mais de 85% de seu comércio em 2018, porém a maioria deles são commodities e/ou produtos de baixo valor agregado com sua competição baseadas no preço. Tais características, tornam o padrão de comércio externo mais vulnerável, uma vez que, esses produtos possuem grande relevância na cesta das exportações e seus preços são mais suscetíveis a variações no mercado internacional dado o baixo conteúdo tecnológico incorporado e complexidade do produto.

Ao analisar a participação dos cinco principais produtos da pauta exportadora do MATOPIBA (Tabela 2), nota-se que no ano de 2000, o Ferro fundido, ferro e aço era o principal produto exportado, correspondendo a 39,85%. No entanto, gradativamente esse produto foi perdendo sua relevância na pauta exportadora da região, ao passo que, já em 2005, Sementes e frutos oleaginosos; grãos, sementes e frutos diversos; plantas industriais ou medicinais; palhas e forragens assumiu a liderança na exportação de produtos, com participação de 38,56%, e com mais 50% nos anos subsequentes.

Esse dinamismo do agronegócio foi realçado por [Miranda, Magalhães e Carvalho \(2014\)](#) que ao buscar ilustrar a velocidade das mudanças no uso e ocupação das terras no MATOPIBA, especialmente, do oeste baiano entre as décadas de 1980 e 2010, exibiram as transformação das áreas urbanas vizinhas e a rápida substituição das pastagens extensivas em campos e cerrados por uma produção agropecuária mecanizada e áreas de irrigação.

A Tabela 3 apresenta a participação dos principais parceiros comerciais na pauta exportadora no MATOPIBA entre os anos 2000 e 2018, em termos percentuais. Os resultados revelam que o Estados Unidos foi o principal parceiro comercial dos municípios integrantes

Tabela 2: Participação dos produtos na pauta exportadora segundo o SH de 2 dígitos - MATOPIBA (2000-2018). (Em %).

Níveis de Participação	2000	2005	2010	2015	2018
1ª nível	Ferro fundido, ferro e aço	Sementes e frutos oleaginosos; grãos, sementes e frutos diversos; plantas industriais ou medicinais; palhas e forragens	Sementes e frutos oleaginosos; grãos, sementes e frutos diversos; plantas industriais ou medicinais; palhas e forragens	Sementes e frutos oleaginosos; grãos, sementes e frutos diversos; plantas industriais ou medicinais; palhas e forragens	Sementes e frutos oleaginosos; grãos, sementes e frutos diversos; plantas industriais ou medicinais; palhas e forragens
2ª nível	Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares; alimentos preparados para animais	Ferro fundido, ferro e aço	Algodão	Pastas de madeira ou de outras matérias fibrosas celulósicas; papel ou cartão para reciclar	Pastas de madeira ou de outras matérias fibrosas celulósicas; papel ou cartão para reciclar
3ª nível	Madeira, carvão vegetal e obras de madeira	Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares; alimentos preparados para animais	Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares; alimentos preparados para animais	Algodão	Algodão
	11,56	17,52	11,56	7,93	9,25

Fonte: autores, elaboração própria com dados brutos do Ministério da Economia e do (IBGE, 2019).

Tabela 2: Participação dos produtos na pauta exportadora segundo o SH de 2 dígitos - MATOPIBA (2000-2018) (Em %)
(Continuação).

Níveis de Participação	2000	2005	2010	2015	2018
4º nível	11,56	17,52	11,56	7,93	9,25
Minérios, escórias e cinzas		Algodão	Ferro fundido, ferro e aço	Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares; alimentos preparados para animais	Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares; alimentos preparados para animais
5º nível	4,54	6,10	8,81	6,18	7,93
Aeronaves e aparelhos espaciais, e suas partes	4,54	Madeira, carvão vegetal e obras de madeira	Carnes e miudezas, comestíveis	Ferro fundido, ferro e aço	Ferro fundido, ferro e aço
	2,25	4,54	3,90	5,29	3,95
	92,08	94,77	95,43	88,71	93,04
Total (%)					

Fonte: autores, elaboração própria com dados brutos do Ministério da Economia e do (IBGE, 2019).

Tabela 3: Participação dos parceiros comerciais na pauta exportadora - MATOPIBA (2000-2018) (Em %).

Nível de Participação	2000	2005	2010	2015	2018
1ª nível	Estados Unidos 43,07	Estados Unidos 28,11	China 18,85	China 37,97	China 52,34
2ª nível	França 13,74	Espanha 14,77	Espanha 15,43	Estados Unidos 9,27	Estados Unidos 9,80
3ª nível	Coreia do Sul 3,47	China 12,93	Alemanha 9,10	Espanha 7,96	França 4,82
4ª nível	Croácia 3,04	França 3,91	Estados Unidos 7,38	Alemanha 3,75	Espanha 4,30
5ª nível	Arábia Saudita 2,38	Alemanha 3,20	França 3,29	França 2,63	Coreia do Sul 2,72
Total (%)	65,71	62,91	54,05	61,58	73,97

Fonte: autores, elaboração própria com dados brutos do Ministério da Economia e do (IBGE, 2019).

do MATOPIBA, especialmente nos anos 2000 e 2005, com participação de 43,07% e 28,11%, respectivamente. No entanto, a partir dos anos 2010 é notória a ascensão gradativa da China como principal parceiro comercial, chegando a representar em 2018 mais de 52% como destino das exportações.

Ademais, a participação dos cinco principais países de destino das exportações em 2018 correspondia a 73,97%, 8,26 pontos percentuais superior quando comparado ao ano de 2000. Isso demonstra como as exportações do MATOPIBA estão cada vez mais concentradas no que tange ao destino de seus produtos. Esse aspecto é importante, pois aponta que o setor exportador do MATOPIBA está sujeito cada vez mais às condições de demanda dos países importadores.

Por fim, cabe destacar que os principais parceiros comerciais e produtos exportados no MATOPIBA encontrados neste trabalho convergem com a origem das 26 empresas transnacionais presentes naquela região, essas empresas são apontadas no trabalho de [Pereira e Pauli \(2016\)](#). Segundo os autores *Ibid.* essas empresas atuam diretamente na estrangeirização da terra no MATOPIBA, tendo a origem do capi-

tal provenientes dos países dos EUA, China, França, Japão, Argentina, Holanda e Reino Unido. Já sua atuação é concentrada na produção de algodão, milho, soja, pecuária, arroz, café, milho, cana-de-açúcar e sementes transgênicas.

Segundo Favareto e Lotta (2017), a construção da imagem do MATOPIBA como expressão do agronegócio nacional está progressivamente ruindo, com a crescente presença de grupos internacionais, atuando não só na produção de grãos, bem como no mercado de terras. Tal processo traz consequências nocivas para o território como a perda de controle sobre estes recursos, mas também o fluxo de riquezas, com crescente drenagem de rendas esterilizando o tecido social local em vez de dinamizá-lo. Ademais, a expressão territorial desta dinâmica pujante não se traduz em igual elevação dos padrões de bem-estar, há mais pobreza e desigualdade do que riqueza e bem-estar no MATOPIBA. Para além disso, o processo enfrentado na região não se trata de uma questão passageira até que o dinamismo das áreas centrais transborde para o entorno, pois trata-se mesmo de um padrão de desenvolvimento territorial marcado pela brutal concentração dos efeitos positivos em uns poucos municípios polo.

Neste contexto, é possível que a finalidade de investimento destas empresas no MATOPIBA esteja associada dentre outros fatores, a necessidade de apropriação das terras e de seus benefícios (recursos naturais, água, qualidade do solo, biodiversidade, recursos minerais, entre outros), bem como a busca pela valorização do mercado de terras, atividade de mineração e produção de commodities em larga escala para a exportação, e não a construção do desenvolvimento daquele território. Nesses termos, a atividade agroexportadora na região desenvolve e se consolida atrelada a interesses externos, estranhos a realidade da população local, firmando uma estrutura produtiva com vulnerabilidade externa crescente.

VI Considerações finais

Este estudo se propôs a fornecer evidências empíricas sobre a dinâmica da inserção da região do MATOPIBA na fronteira agrícola entre os anos 2000 a 2018 diante do mundo globalizado contemporâneo.

Para alcançar os objetivos propostos, decidi estruturar o trabalho em dois eixos: teórico e empírico. Diante do contexto teórico partiu da compreensão do desenvolvimento territorial, nas quais o território é compreendido como uma construção sociopolítica do espaço, e o desenvolvimento territorial é condicionado por construções sociopolí-

ticas sobre um determinado espaço geográfico, que requerem estratégias prévias de apropriação espacial.

Sob o ponto de vista empírico foi realizada a estatística descritiva dos fluxos de comércio e a construção de dois índices: i) concentração de produtos (ICP) e ii) concentração por países de destino (ICD) das exportações do MATOPIBA, sendo ambos baseados no coeficiente de Gini-Hirschman.

Grosso modo, os resultados sugerem que na maior parte do período analisado, o índice de concentração de produtos (ICP) esteve acima de 0,5, limite máximo para que haja concentração. Por outro lado, o índice de concentração de destino (ICD), entre os anos de 2000 e 2010, esteve sob níveis inferiores à 0,5, apresentando uma trajetória de queda, chegando a atingir o índice mais baixo 0,30 em 2010. No entanto, a partir de 2010, houve uma reversão dessa trajetória, chegando a atingir em 2018 o seu ápice, 0,54. Logo, a pauta exportadora da região pode ser considerada concentrada, o que posiciona a região contexto de maior vulnerabilidade choques externos de preços e demanda.

Ademais, os resultados sugerem um aumento na produção de grãos focado, especialmente, nas culturas de sementes e frutos oleaginosos; grãos, sementes e frutos diversos; plantas industriais ou medicinais; palhas e forragens, em que no ano de 2018 já representada mais de 50% da pauta exportadora. Tais produtos são assentados, sobretudo, nos processos relacionados à dinâmica de expansão da escala agrícola com elevada tendência a vulnerabilidade externa. Em paralelo, chama atenção a representatividade da China como principal parceiro comercial no período recente, uma vez que assim como os produtos com maiores índices de concentração, a China já representa mais de 50% como país de destino das exportações do MATOPIBA e já ultrapassa os EUA desde 2010.

Portanto, como pôde ser observado, é inegável o volume da expansão sem precedentes das exportações de bens e serviços da região do MATOPIBA. Porém, cabe chamar atenção que se por um lado, a expansão da fronteira agrícola tem fornecido um certo dinamismo para a região, por outro, as atividades econômicas que estão sendo desenvolvidas, em grande medida, não proporcionam equidade na distribuição de renda e preservação dos recursos naturais, pelo contrário, são atividades concentradoras de renda e de ativos e que sequestram a autonomia do território devido a substituição de pastagens naturais pela intensificação da produção em escala global favorecidas pela mecanização, bem como posicionam a produção da região mais suscetível a choques externos colocando em risco a sustentabilidade das taxas de

crescimento e de emprego.

Referências

- ALENTEJANO, P. R. Espaço território e região: uma tentativa de conceituação. *Caderno Prudentino de Geografia*, v. 23, p. 7–37, 2001.
- BANCO MUNDIAL. *Global Monitoring Report 2015-2016*. Washington, 2015.
- BARCA, F.; MCCANN, P.; RODRÍGUEZ-POSE, A. The case for regional development intervention: Place-based versus place-neutral approaches. *Journal of Regional Science*, v. 52, n. 1, p. 134–152, 2012.
- BARROS, P. H. B. d.; STEGE, A. L. Deforestation and human development in the Brazilian agricultural frontier: an environmental Kuznets Curve for MATOPIBA. *Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos*, v. 13, n. 2, p. 161–182, 2019.
- BATISTELLA, M.; VALLADARES, G. S. Farming expansion and land degradation in Western Bahia, Brazil. *Biota Neotropica*, v. 9, n. 3, p. 61–76, 2009.
- BOLFE, E. L. et al. MATOPIBA em crescimento agrícola. *Revista de política agrícola aspectos territoriais e socioeconômicos*, v. 1, n. 4, p. 38–62, 2016.
- BRENNER, N.; PECK, J.; THEODORE, N. Variegated neoliberalization: Geographies, modalities, pathways. *Global Networks*, v. 10, p. 182 – 222, 04 2010.
- CESAR, R. Relatório do greenpeace mostra que 58% dos municípios do matopiba continuam pobres, com produção e qualidade de vida piores. *Instituto Humanas Unisinos*, 14 nov. 2018. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/584618-relatorio-do-greenpeace-mostra-que-58-dos-municipios-do-matopiba-continuam-pobres-com-producao-e-qualidade-de-vida-piores-do-que-a-media-de-seus-estados>>. Acesso em: 12 set. 2019.
- FAVARETO, A.; LOTTA, G. Inovações institucionais nas políticas para o desenvolvimento territorial em três estados brasileiros. *REDES: Revista do Desenvolvimento Regional*, v. 22, n. 2, p. 11–38, 2017.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Produto Interno Bruto dos Municípios*. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.
- JEZIORNY, D. L. Territory innovation and rural development: The case of Vale dos Vinhedos in the Brazilian region of Rio Grande do Sul. *Revista Internacional de Sociologia*, v. 74, n. 3, 2016.
- MARQUES, M. D. *Análise crítica da aderência das taxonomias industriais à realidade da indústria de transformação brasileira*. 177 f. Dissertação (Mestrado em Economia) — Programa de Pós-Graduação em Economia da UFSCAR, Sorocaba, 2017.
- MARQUES, M. D.; ROSELINO, J. E.; MASCARINI, S. Taxonomias tecnológicas e setoriais da indústria de transformação brasileira. *Revista Brasileira de Inovação*, Campinas, v. 18, n. 2, p. 417–448, nov. 2019.
- MIRANDA, E.; MAGALHÃES, L.; CARVALHO, C. Proposta de delimitação territorial do MATOPIBA. *Embrapa Territorial (CNPQ)*, v. 1, p. 1–18, 2014.

NEWMAN, D. The resilience of territorial conflict in an era of globalization. v. 18, set 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/David_Newman12/publication/252081906_The_Resilience_of_Territorial_Conflict_in_an_Era_of_Globalization/links/00b4953a3cb5109c2c000000/The-Resilience-of-Territorial-Conflict-in-an-Era-of-Globalization.pdf>.

PEREIRA, C. N.; PORCIONATO, G. L.; CASTRO, C. N. de. Aspectos socioeconômicos da região do Matopiba. *Boletim Regional, Urbano e Ambiental (IPEA)*, v. 18, p. 47–59, jan 2018.

PEREIRA, L. I.; PAULI, L. O processo de estrangeirização da terra e expansão do agronegócio na região do Matopiba. *Revista Campo-Território*, v. 11, p. 196–224, sep 2016.

PIKE, A.; RODRÍGUEZ-POSE, A.; TOMANEY, J. Local and regional development. In: *Concepts and theories of local and regional development*. London/New York: Routledge, 2016. p. 80–151. Cap. 3.

RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, A. C. T. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. *Revista brasileira de estudos urbanos e regionais*, São Paulo, v. 3, p. 147, 2000.

RUDORFF, B.; RISSO, J. (Coord.). *Análise Geoespacial da Dinâmica da Soja no Bioma Cerrado: 2014 a 2017*. [S.l.], 2018. Disponível em: <http://abiove.org.br/wp-content/uploads/2019/02/12022019-125848-12.02.2019_analise_geoespacial_da_dinamica_da_soja_no_bioma_cerrado_2014_a_2017_v02.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2020.

SALVINI, R. R.; MARTINS, N. Perfil das exportações fluminenses: uma análise da pauta exportadora no período 1990/2013. *Cadernos do Desenvolvimento Fluminense*, v. 5, p. 79–90, 2014.

SANTOS, M. *Globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Editora Hucitec, 1994. 190 p.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, R. O. Mestrado em Economia. *Vulnerabilidade Externa Estrutural: Uma Análise Comparativa Do Brasil Frente Aos Brics de 2003-2012*. Sorocaba: [s.n.], 2017. 122 f.

VERDI, A. R. As dinâmicas territoriais locais na globalização: aspectos conceituais e metodológicos. *Geosul*, v. 23, n. 46, p. 33–54, 2008.

WANDERLEY, L. Economia regional e conceitos de espaço e região. In: I., B. (Ed.). *Ensaios econômicos*. [S.l.]: Editora da UFBA, 2006. p. 45–63.